

O NASCIMENTO DA SOCIOLOGIA ESPANHOLA E A JUVENTUDE INTELLECTUAL DE ORTEGA Y GASSET: UMA DUPLA INFLUÊNCIA ALEMÃ

Gustavo Martins do Carmo Miranda¹

RESUMO

O presente trabalho explora através de um estudo teórico a relação entre o nascimento da Sociologia espanhola e o pensamento intelectual na juventude de Ortega y Gasset. Primeiramente, será realizada uma breve descrição analítica da construção das ideias sociológicas no território hispânico, a fim de detectar sua influência com a intelectualidade alemã, sobretudo, através do contato com a filosofia krausista. Após esse diagnóstico, será efetuado um resgate do início da formação intelectual de autor espanhol, no intuito de perceber que o pensamento alemão também foi significativa na em sua trajetória. Em um terceiro momento, destacaremos alguns escritos sociológicos do jovem Ortega y Gasset, presentes em dois trabalhos: o primeiro seria um pequeno estudo crítico dirigido a Max Scheler, e o segundo seria sua obra inicial chamada *Meditaciones del Quixote*. Por fim, mostraremos na conclusão que apesar de algumas possíveis contestações, todo esse percurso apresentado conseguiu obter um certo grau de êxito, uma vez que tanto a Sociologia espanhola, quanto a juventude intelectual do escritor hispânico (e seus primeiros estudos de cunho sociológicos) foram solidamente influenciadas pela Alemanha.

Palavras-chave: Espanha, Ortega y Gasset, Sociologia, Alemanha e relação.

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNICAMP. E-mail: gustavmcm@gmail.com

THE BIRTH OF SOCIOLOGY AND SPANISH YOUTH OF INTELLECTUAL ORTEGA Y GASSET: A DUAL GERMAN INFLUENCE

ABSTRACT

This paper explores through a theoretical study the relationship between the birth of sociology and Spanish intellectual thought in youth Ortega y Gasset. First, will be held a brief analytical description of the construction of sociological ideas in the Hispanic territory in order to detect its influence with the German intelligentsia, mainly through contact with krausista philosophy. After this diagnosis will be made a rescue of early intellectual formation of Spanish author, in order to realize that German culture was also significant in the trajectory. In a third step, we will highlight some sociological writings of the young Ortega y Gasset, present in two papers: the first would be a little critical study addressed to Max Scheler, and the second would be his initial work called *Meditations del Quixote*. Finally, in conclusion show that despite some possible objections, this whole route displayed has achieved a degree of success, since both the Spanish Sociology, as the intellectual youth of Hispanic writer (and his early studies of sociological slant) were strongly influenced by Germany.

Keywords: Spain, Ortega y Gasset, Sociology, Germany and relationship.

Introdução

Quando pensamos na formação da Sociologia no território espanhol, normalmente temos dificuldade em compreender o processo de desenvolvimento do pensamento sociológico neste país. Costumamos não conseguir associar em mente um pensador ou uma corrente intelectual sociológica que possa ter emergido na Espanha no decorrer do século XIX. O próprio pensamento sociológico de José Ortega y Gasset é muitas vezes ofuscado no cenário acadêmico (quando é lembrado ou discutido, predomina quase sempre as análises sociológicas da obra mais conhecida e polêmica de sua autoria chamada *La rebelión de las masas*). Esse desconhecimento ou dificuldade de assimilação das ideias sociológicas emergidas no país ibérico se deve basicamente ao próprio percurso histórico da Espanha, marcado por inúmeros acontecimentos descontínuos e instáveis. Esses episódios podem ser exemplificados através de alguns fatos ocorridos, sobretudo, a partir de 1500. Vejamos resumidamente alguns desses acontecimentos.

O primeiro deles diz respeito à ascensão do império espanhol (através da união das coroas de Castela e Aragão) e sua abrupta queda em meados de 1600, proporcionando entre outras coisas o isolamento da Espanha com o restante da Europa (KAMEN, 2004). O segundo fator diz respeito ao reerguimento na nação espanhola pela dinastia dos Bourbons (a partir de 1700, através de uma notável recuperação do seu império ultramarino), mas seguido novamente por uma instabilidade da nação ibérica decorrentes da Revolução Francesa e dos anseios de Napoleão Bonaparte sobre este país (HERR, 2004). O terceiro ponto seria talvez o mais complexo e de maior importância para se compreender o desenvolvimento da Sociologia espanhola. Estamos falando do período que se estende do ano de 1833 ao ano de 1931 (CARR, 2004). Ou seja, mais de um século de profundas mudanças.

Não seria viável entrar detalhadamente nos acontecimentos ocorridos durante esse período. O que podemos dizer é que se tratou de uma época marcada por oscilações políticas, culturais e econômicas. O ponto crucial desse período correspondeu aos acontecimentos observados no ano de 1898, através dos confrontos entre a Espanha e os Estados Unidos, desencadeando o início da Guerra Hispano-Americana entre estes dois países. A nação espanhola acabou saindo derrotada deste conflito. Esta derrota significou (além da perda do restante do império colonial), uma necessidade de refletir a sociedade hispânica de

uma forma profunda, a fim de diagnosticar os motivos que levaram a Espanha a um estágio decadente e o motivo de seu atraso em relação à grande parte dos outros países europeus. Diante disso, surgiram dois importantes movimentos intelectuais. O primeiro deles seria o “Regeracionismo”, liderado por Joaquín Costa. Esse movimento procurava basicamente compreender as raízes históricas do atraso espanhol. O segundo (e mais notável) movimento ficou conhecido como a “Geração de 98”. “A ‘geração de 98’ caracterizou-se, acima de tudo, por uma reflexão sobre a ‘alma’ da Espanha e sobre o significado do país na história” (CAPELATO, 2003, p. 44). Entre os membros desse grupo de intelectuais estavam Miguel de Unamuno, Pio Baroja e Ramiro de Maeztu.

Essa breve descrição de três momentos distintos da história espanhola, serve de base para refletirmos o quão complicado foi estabelecer uma consistente vida intelectual na Espanha. Isso não significa a ausência de tal intelectualidade nestes períodos. O que queremos dizer é que o território espanhol quase assumiu um papel de coadjuvante no cenário intelectual europeu, justamente por carregar em sua história uma série de fatores turbulentos. O próprio Ortega y Gasset ao referir-se à Restauração da Monarquia espanhola em 1876, confirmou uma espécie de desencanto com os rumos tomados em seu país. “A restauração significa a paralisia da vida nacional. Se não se destacavam os espanhóis durante os primeiros cinquenta anos do século XIX pela complexidade, reflexão, plenitude intelectual, possuíam, ao menos, coragem, esforço, dinamismo” (ORTEGA Y GASSET, 1967, p. 78). Para o autor, a Restauração da Monarquia resultou numa completa dissolução da sensibilidade em torno das questões plenas e profundas da vida.

Passando agora propriamente para o desenvolvimento da Sociologia no território espanhol, podemos sugerir que a despeito de todas essas conturbações verificadas na Espanha, existiu de fato tal desenvolvimento? Veremos adiante que sim, ocorreu realmente uma tentativa por parte dos intelectuais espanhóis em desenvolver durante a segunda metade do século XIX algumas questões referentes ao universo sociológico. Podemos dizer que os precursores da Sociologia na nação hispânica foram os krausistas espanhóis, isto é, intelectuais influenciados pelo pensamento do filósofo alemão Karl Christian Friedrich Krause. É bem verdade que autores como Luis Saavedra (1991), procuraram abordar alguns elementos antecedentes da Sociologia no país ibérico, através do resgate do pensamento de Luis Vives, bem como das ideias positivistas de Jaime Balmes e Ramón de la

Sagra. Entretanto, esses antecedentes não possuem uma significação tão notória quando comparado aos trabalhos de cunho sociológico efetuado pelos krausistas na Espanha. Dessa forma, podemos dizer que para interpretarmos o nascimento da Sociologia no país ibérico, necessitamos compreender sua relação com o a filosofia krausista, isto é, com o próprio pensamento alemão. Veremos mais a frente que os primeiros trabalhos sociológicos de Ortega também apresentaram uma considerável influência da intelectualidade alemã.

I. O krausismo e o nascimento da sociologia espanhola

Como foi destacado acima, só podemos entender o nascimento do pensamento sociológico espanhol através da influência filosófica do krausismo neste país. Essa influência se iniciou basicamente no ano de 1843. Neste período, o governo espanhol enviou o intelectual Sanz del Río para a Alemanha com o intuito de aprofundar a cultura deste país, na esperança de trazer para a Espanha um maior avanço no âmbito intelectual. Durante sua estadia na Alemanha, Sanz del Río entrou em contato com o pensamento do filósofo Karl Krause. A partir desse encontro, este escritor espanhol conseguiu em certo sentido adquirir uma sólida influência em torno do chamado krausismo. Esse sistema filosófico desenvolvido por Krause foi amplamente aceito entre os intelectuais espanhóis (não apenas aceito, como também adquiriu características próprias neste país), ao contrario das ideias de Hegel², que na visão dos krausistas espanhóis seriam demasiadamente idealistas:

Os estudiosos do krausismo espanhol já aviam alertado para a intensa acolhida que merecia a filosofia social auferida aos ensinamentos de Krause. Segundo estes, a humanidade correspondia a uma síntese do Espírito e da Natureza, equivalendo os períodos históricos a

² É importante destacar o motivo pelo qual Krause foi amplamente aceito entre os pensadores espanhóis, na medida em que Hegel exercia um papel de maior envergadura na intelectualidade alemã. Para Luis Saavedra (1991), o sistema krausista se aproximava de alguns elementos da tradição da sociedade Espanhola. Propiciava por exemplo, a defesa do individualismo, da religião e projetava uma transformação modernizadora da sociedade através de uma filosofia voltada para uma atuação prática ancorada na moral. Diante disso, o pensamento hegeliano ficou ofuscado no território espanhol. Havia é claro um pequeno grupo, porém de pouca expressão. Autores como Elias Diaz (1973), argumentam que a modesta presença do pensamento de Hegel na Espanha, impediu o desenvolvimento expressivo de uma intelectualidade marxista neste país.

verdadeiros graus de ascensão até Deus, devendo o seu ponto culminante equivaler ao que denominava de “humanidade racional”. Nesse caminho, o papel mais importante há de ser desempenhado não pelo Estado – como se poderia concluir na *Filosofia do Direito* de Hegel – mas pelas associações de finalidade universal, como a família e a nação (PAIM, 1999, p. 17, grifos do autor).

Ora, diante desse comentário de Antônio Paim, parece interessante imaginar o motivo pelo qual esses krausistas espanhóis criticavam Hegel. Fica a impressão de que para estes intelectuais, o Estado seria uma entidade ampla e de difícil definição concreta, tornando desta forma, complicado pensar esse mesmo Estado como motor das possíveis transformações sociais. É preciso destacar também que essa filosofia krausista correspondia exatamente aos anseios de uma burguesia liberal ascendente na nação hispânica interessada, sobretudo, na defesa da propriedade e no individualismo. Isso talvez explique o motivo pelo qual os krausistas espanhóis defendiam a reforma social baseada na moralidade, em contraposição a uma transformação radical da sociedade.

Quando retornou para a Espanha, Sanz del Río promoveu o desenvolvimento deste sistema filosófico em seu país. Como a Espanha da segunda do século XIX estava atravessando fortes crises sociais e culturais (em comparação à grande parte dos outros países europeus), a incorporação do sistema krausista no território espanhol contribuiu de certa maneira para reerguer intelectualmente a nação. Em uma dedicatória escrita no jornal “El Sol”, em virtude da morte do autor Gumersindo de Azcárate (um dos krausistas discípulos de Sanz del Río), Ortega destacou justamente a importância intelectual de autores como Azcárate no território espanhol, antes do período conturbado da Restauração (ORTEGA Y GASSET, 1983).

Nesse sentido, através do desenvolvimento e da influência do krausismo espanhol, podemos argumentar que a sociedade espanhola começou a adquirir algumas transformações. Sanz del Río, tido como o principal precursor deste sistema filosófico na Espanha, contribuiu de forma significativa para trazer ao território espanhol mudanças consideráveis. Através do incentivo deste intelectual e de seus seguidores, as instituições educativas, as reformas universitárias e a defesa da liberdade de ensino, começaram a ganhar força no território hispânico. Na segunda metade do século XIX, estes intelectuais ibéricos estiveram à frente da

criação da “Institución Libre de Enseñanza” (uma instituição que defendia a liberdade de ensino na Espanha, e que impulsionou em suas aulas os primeiros cursos de Sociologia na nação hispânica). De acordo com José Luiz Calvo Buezas (1978), os krausistas espanhóis acreditavam que para ocorrer uma profunda mudança social, era necessário investir no sistema educacional.

Foi neste contexto de mudança que a Sociologia na Espanha começou a adquirir sua forma. Elias Diaz, em seu livro *La filosofía social del krausismo español* (1973), nos mostra como os elementos sociológicos foram surgidos neste país no mesmo instante em que o krausismo estava em vigor. O curioso deste trabalho de Elias seria justamente perceber o caminho que estes krausistas conduziram seus pensamentos sociológicos. Talvez um dos principais indícios desse fator estivesse no diálogo crítico destes autores hispânicos com os positivistas. Para os krausistas espanhóis, haveria uma diferença entre o chamado “organicismo-ético-espiritual” propagado por eles, e o “organicismo biológico” dos positivistas. A crítica principal dos krausistas ao positivismo, dizia respeito ao materialismo exacerbado desse sistema em relação à compreensão da estrutura e do funcionamento da sociedade, dando a esta última um caráter meramente biológico.³ De acordo com Adolfo Posada (1989), as próprias ideias sociológicas de Sanz del Río eram próximas de uma linha idealista e metafísica, mas que procurava interpretar a sociedade através da lógica institucional, isto é, através do que os krausistas espanhóis chamavam de “organicismo social”.

Embora tido como precursor do krausismo espanhol, o pensamento sociológico de Sanz del Río foi discreto. Porém, os seus seguidores conseguiram abordar em seus estudos questões sociológicas um pouco mais sofisticadas. Um dos discípulos de Sanz del Río, o intelectual Gumersindo de Azcárate, desenvolveu em seus trabalhos alguns pontos relacionados ao universo sociológico, dialogando inclusive com Comte, Spencer e em alguma medida com Karl Marx⁴. Ou

3 Neste ponto, é interessante destacar o posicionamento dos krausistas frente ao positivismo. Apesar da influência do pensamento alemão, esses krausistas em alguns momentos relacionavam a sociedade enquanto uma espécie de organismo social. Tudo leva a crer que seria uma influência da filosofia francesa. O que de fato é verdade. No entanto, essa relação com o positivismo era na maioria das vezes conflituosa, justamente pela ênfase dos krausistas ao individualismo (SAAVEDRA, 1991).

4 A recepção das ideias de Marx na Espanha no decorrer do século XIX, foram marcadas

tro nome interessante desse contexto do pensamento sociológico na Espanha foi Adolfo Posada. Posada conseguiu em seus estudos relacionar o universo sociológico ao campo da política. Esse ponto se torna interessante pelo seguinte motivo. De acordo com Luis Saavedra (1991), o desenvolvimento das ideias sociológicas de Posada relacionadas com o universo político era na maioria das vezes elitista, pelo fato de se apoiar em Vilfredo Pareto para elaborar uma concepção das elites, em contraste com a noção marxista das lutas de classes. Esse pensamento seria proveniente do próprio espírito da filosofia social do krausismo espanhol. Ora, diante disso, não seria equivocado supor, por exemplo, que o pensamento elitista de Ortega presente notoriamente na década de 30 do século passado, através da obra *La rebelión de las masas* (onde o autor expõe as diferenças entre minorias e massas), poderia apresentar alguns resquícios dessas ideias de Posada.

Voltando ao contexto do desenvolvimento sociológico espanhol, no ano de 1898 a Sociologia se consolidou definitivamente do território hispânico. Em meio à perda da guerra contra os Estados Unidos e, conseqüentemente, da dissolução de seus domínios coloniais (assunto já discutido no início deste trabalho), os intelectuais espanhóis sentiram novamente a necessidade de reorganizar o seu país, com a esperança de modernizá-lo. Nesse contexto, foi institucionalizada a Sociologia no ambiente acadêmico espanhol, primeiramente na Universidad Central. Para alguns autores, coube a Manuel Sales y Ferré⁵ (autor da obra *Tratado de Sociología; evolución social y política*, e um dos discípulos de Sanz del Río), o papel de impulsionar a institucionalização da Sociologia no meio acadêmico. A partir deste momento, começaram a se desenvolver com maior êxito algumas reflexões a respeito da sociedade espanhola. De acordo com Jesus M. de Miguel (1999), a criação do “Instituto de Reformas Sociales”, inaugurado por Francisco

por momentos de tensão em virtude do conflito entre anarquistas e marxistas, por isso se torna difícil encontrar uma significativa influência sociológica do pensador alemão naquele contexto (JULIA, 1997).

5 Sales y Ferré é um típico caso já destacado mais à cima sobre a relação entre o krausismo e o positivismo. Dentre todos os krausistas, Ferré foi o que mais se aproximou de autores como Durkheim. O autor espanhol se apoiou na definição objetiva dos fatos sociais descritas pelo escritor francês, para compreender a realidade social. No entanto, através da influência de Gabriel Tarde, Ferré também admitiu a necessidade de entender esses fatos sociais através de uma ótica subjetiva dos indivíduos (SAAVEDRA, 1991).

Giner de los Ríos, contribuiu de maneira significativa para a consolidação de estudos de caráter social na Espanha.

Após todo esse percurso apresentado, podemos afirmar com certa convicção que a sociologia na Espanha conseguiu se desenvolver ao longo da segunda metade do século XIX, sobretudo, pela influência da filosofia krausista alemã. Inclusive, devemos nos lembrar que um dos responsáveis pela institucionalização desta disciplina na Espanha, foi um discípulo de Sanz del Río. Apesar de não ter alcançado um prestígio intelectual notável quando comparado a pensadores como Hegel, Fichte e Schelling, as ideias de Krause foram divulgadas não apenas na Espanha, mas no Brasil, Portugal e em grande parte da América Latina (REALE, 1985). O que talvez nos possa suscitar algumas dúvidas seria justamente o questionamento sobre o modesto debate do pensamento sociológico espanhol com os clássicos da Sociologia. De um modo geral, não houve realmente um notório diálogo desses intelectuais, com Marx, Durkheim ou Weber, por exemplo.

A recepção do pensamento de Marx na Espanha foi basicamente caracterizada pelas publicações neste país de alguns trabalhos do autor (como *A miséria da filosofia*, o capítulo IV de *O capital* e *A guerra civil na França*), além dos discursos de Gumersindo de Azcárate no Ateneo de Madrid sobre as ideias do pensador alemão (BALBIN, 1981). Enquanto a Durkheim, talvez a sua pouca aparição possa ser justificada pela sólida influência do pensamento alemão na Espanha, a partir da segunda metade do século XIX através do krausismo. Já em relação a Max Weber é preciso ressaltar que suas ideias exerceram um papel de destaque mais significativo em comparação aos outros autores. Isso pode ser comprovado através do diálogo de Ramiro de Maeztu (um dos integrantes da “Geração de 98”) com algumas ideias desenvolvidas pelo escritor alemão. De acordo com Maeztu, a Espanha necessitava na virada para o século XX, de uma modernização econômica alicerçada na livre iniciativa. Para alcançar essa modernização, seria preciso superar o tradicionalismo católico do país, em prol de um *ethus* burguês (FUENTE, 2007). Diante disso, o autor espanhol buscou em Weber “[...] a genealogia da ética do trabalho e descobre uma específica ética ascética protestante que vincula economia e religião, tarefa mundana e salvação [...]”⁶

6 Tradução nossa. Segue o original. “[...] la genealogia de la ética del trabajo y la descubre en una específica ética ascética protestante que vincula economía y religión, tarea mundana y

(FUENTE, 2007, p. 549). O que é interessante notar neste caso seria justamente o resgate do pensamento weberiano para impulsionar novamente uma modernização espanhola. Se analisarmos cautelosamente, esse posicionamento de Maeztu seguiu em certo sentido os anseios modernizadores dos krausistas espanhóis na segunda metade do século XIX. Em ambos os casos, a moral aparecia como um dos fundamentos primordiais para o desenvolvimento do país.

Se a formação da Sociologia espanhola foi solidamente influenciada pelo universo alemão, veremos adiante que a fase inicial do pensamento de Ortega y Gasset também manteve essa característica. O autor espanhol (através dos seus estudos na Alemanha) entrou em contato com algumas das principais correntes intelectuais germânicas da época.

2. A influência do pensamento alemão na juventude de Ortega y Gasset

O interessante papel desempenhado pelos krausistas espanhóis em buscar no pensamento alemão um certo ponto de apoio para resolver os problemas da Espanha, parece ter influenciado o jovem Ortega y Gasset no início do século XX. Embalado pela conturbada situação em que se encontrava o seu país (sobretudo do ponto de vista intelectual), o escritor espanhol imaginava ser necessário germanizar a Espanha (JAVIER 1994). Para isso, seria preciso se afastar das influências empíricas inglesas, bem como do positivismo francês⁷. Esse ponto é curioso, pois resgata exatamente o debate envolvendo os krausistas espanhóis em torno das ideias positivistas, por exemplo. Entretanto, no contexto da juventude de Ortega y Gasset, o positivismo já aparecia como uma corrente em pleno auge no ambiente europeu. O próprio autor espanhol descreveu esse fato demonstrando a ascensão dessa filosofia ao longo do século XIX, como sinônimo de modernidade. “Eu conheço muitas pessoas que tem a meditação pusilânime e não resolvem deixar crescer suas íntimas convicções antepositivistas, temerosas

salvación [...]” (FUENTE, 2007, p.549).

7 É bom ressaltar que a relação entre o pensamento francês na juventude de Ortega y Gasset não foi ausente. Autores como Andrew Dobson (1989), argumentam que a influência das ideias conservadoras de Ernest Renan, por exemplo, foram significativas para o desenvolvimento do pensamento do escritor espanhol.

do espectro antimoderno que os ameaça”⁸ (ORTEGA Y GASSET, 1983, p. 24). Na visão do pensador hispânico, o positivismo estava literalmente tomando conta do cenário intelectual daquele período, parecia que esse fato intrigava o escritor espanhol.

Voltando ao contato de Ortega y Gasset com o pensamento alemão, podemos indicar dois momentos que caracterizaram esse fato em sua juventude. Estamos falando das viagens realizadas pelo autor para a Alemanha, com o intuito de aprofundar os seus estudos. O primeiro momento seria caracterizado por duas estadias do escritor espanhol no país germânico. A primeira delas foi exatamente entre os anos de 1905 e 1906, período em que o escritor estava com 22 anos de idade. Nessa época, Ortega y Gasset entrou em contato com os pensamentos de Kant e Nietzsche, ao se matricular em duas disciplinas sobre esses filósofos na cidade de Leipzig. Porém, o fato de maior importância desta primeira fase do autor na Alemanha, foi o seu contato com Georg Simmel em Berlim e seu período em Marburgo (seu segundo retorno ao país alemão, onde conheceu de perto o neokantismo⁹). Tanto o encontro com Simmel, como a familiaridade com o pensamento neokantista, foram de grande importância, pois nos ajudarão mais adiante a compreender as primeiras as suas primeiras ideias sociológicas. Em relação a Georg Simmel, é bem verdade que Ortega y Gasset quase não o mencionou em seus trabalhos, porém, a sua admiração pelo autor alemão era notória. Julián María (1960), o escritor hispânico em meados do ano de 1910, alegava a necessidade de trazer para a Espanha o pensador alemão, para realizar conferências neste país (mesmo não citando Simmel em seus trabalhos, é importante destacar que ambos os autores foram influenciados pelo neokantismo). Enquanto ao contato do pensador espanhol com o neokantismo, podemos afirmar que esta corrente filosófica auxiliou Ortega y Gasset a no seu diagnóstico envolvendo a

8 Tradução nossa. Segue o original. “Yo conozco muchas gentes que tienen la meditación pusilánime y no se resueven a dejar crecer sus íntimas convicciones antepositivistas, temerosas de ese espectro de inmodernismo que les amenaza” (ORTEGA Y GASSET, 1983,p. 24).

9 De acordo com Javier San Martín (1994), os grupos de intelectuais neokantianos da cidade de Marburgo consideravam que o problema do conhecimento no pensamento de Kant era exclusivamente científico, deixando para traz os chamados conhecimentos vulgares. Para estes autores, o empirismo da filosofia francesa dominada quase que completamente o pensamento da época.

dualidade entre o indivíduo e a sociedade (questão que ele começou a desenvolver no seu primeiro livro chamado *Meditaciones del Quixote*, através da relação entre o “eu” e a “circunstância”). Talvez, a grande influência do pensador espanhol a respeito desta dualidade foi sua presença nos seminários do neokantiano Paul Natorp, na cidade de Marburgo. De acordo com Luis Saavedra (1991), nestes seminários, Natorp discutia os conceitos de comunidade e individualidade para os seus alunos.

O segundo momento marcante da influência do pensamento alemão sobre a juventude de José Ortega y Gasset, foi o contato deste autor com a fenomenologia de Husserl no ano de 1911 (período em que o autor retornou à Alemanha). Esse fato é de suma importância, pois estabeleceu uma espécie de cisão entre o autor espanhol e a filosofia neokantiana. Isso aconteceu justamente pelo fato de que para o autor espanhol a corrente fenomenológica conseguia em certa medida superar o idealismo ainda presente no pensamento neokantiano (esse idealismo significava para Ortega y Gasset um desligamento da vida real). “O neokantismo foi a doutrina onde fomos educados para a filosofia; [...] Mas o neokantismo não é a ciência atual, muito menos a futura”¹⁰ (ORTEGA Y GASSET, 1983, p. 26). Essa afirmação publicada pelo autor espanhol em 1917, através do jornal “El Sol”, já indicava justamente o afastamento do escritor com os intelectuais da Escola de Marburgo.

Através da influência da fenomenologia, o pensamento sociológico de Ortega assumiu uma consistência mais significativa devido às próprias características desta corrente filosófica.

De acordo com Javier San Martín (1994), o pensamento fenomenológico não imaginava a vida pessoal longe das objetividades mundanas. A fenomenologia priorizava as vivências. Ainda de acordo com este autor, a primeira obra de Ortega y Gasset (*Meditaciones del Quixote*), deixava claro que a subjetividade individual não seria algo isolado, mas algo relacional, ou seja, vida em mundo. O próprio escritor espanhol, (em um de seus artigos escritos no início do século XX), já indicava a necessidade de pensarmos a nossa vida como espécie de diálogo

10 Tradução nossa. Segue o original. “El neokantismo fue la doctrina donde nos hemos educados para la filosofía [...] Pero el neokantismo no es la ciencia actual, ni mucho menos la futura” (ORTEGA Y GASSET, 1983, p. 26).

com o ambiente. Segundo o autor espanhol, alguns pensadores ligados à Biologia (como os alemães Wilhem Roux e Hans Driesch), iniciaram no século XIX importantes estudos envolvendo o chamado fenômeno vital, isto é, a busca pela unidade orgânica através de uma relação entre cada corpo e seu meio (ORTEGA Y GASSET, 1983).¹¹ Conforme o autor, essa nova corrente biológica rejeitava o argumento de que a vida seria uma simples reação ao meio. Para esses escritores, o viver estaria relacionado à produção, criação, expansão e domínio.

Como foi destacado anteriormente, o pensamento alemão também foi significativo para a vida intelectual de Ortega y Gasset (especialmente em sua juventude). O contato com Simmel, com a escola neokantiana e a fenomenologia de Husserl, nos auxiliam em certa medida a pensar como se desenvolveram os seus primeiros estudos relacionados à Sociologia. Veremos adiante que não se trata de nada muito sofisticado, entretanto, ao associarmos o pensamento do autor espanhol com o contexto intelectual alemão da época, veremos que é plausível encontrar em seus primeiros trabalhos uma interessante abordagem de cunho sociológico.

3. Os primeiros estudos sociológicos de Ortega y Gasset

Podemos destacar na juventude de Ortega y Gasset dois trabalhos interessantes que podem ser classificados como sociológicos. Estamos falando de um texto escrito pelo autor (no início do século XX) em relação ao pensamento de Max Scheler, chamado *El genio de la guerra y la guerra Alemana*, e o seu primeiro livro chamado *Meditaciones del Quixote*, publicado em 1915.

Em relação ao trabalho sobre Max Scheler, Ortega y Gasset apresentou um texto expondo através de um diálogo crítico algumas considerações em relação aos escritos sobre a guerra, desenvolvidos pelo autor germânico. O que podemos destacar de sociológico nestes escritos, seria justamente as discordâncias do escritor hispânico sobre as interpretações de Scheler em torno das características do fenômeno guerreiro. “[...] sua definição da guerra me parece no geral equivocada.

11 Essa relação entre Ortega y Gasset e a Biologia é interessante, pois as primeiras significações do termo circunstância dada pelo autor, diziam respeito ao entorno do corpo (CARVALHO, 2009).

Nela Scheler fundamenta a valorização ética e metafísica deste terrível fator histórico.”¹² (ORTEGA Y GASSET, 1983, p. 200). Vejam que nesta passagem, o pensador espanhol criticou um certo teor abstrato da análise de Scheler a respeito da guerra.

Ora, se voltarmos ao contexto da formação intelectual do jovem Ortega y Gasset no país Alemão, veremos que o seu desligamento com o neokantismo se justificou basicamente pela característica um tanto idealista desta corrente filosófica, dessa forma parece compreensível imaginar o motivo desta crítica a Max Scheler. No entanto, devemos nos lembrar que esse autor alemão era ligado à fenomenologia (corrente filosófica que Ortega y Gasset aderiu depois de abandonar o neokantismo). Nesse sentido, o pensador hispânico estaria criticando também a fenomenologia? Podemos dizer que sim. De acordo com Javier San Martín (1994), o autor espanhol era contrário a qualquer idealismo presente no pensamento fenomenológico.

Dessa forma, o autor espanhol argumentou que o problema central da guerra seria a violência. Essa violência estaria presente tanto nos impulsos biológicos, como nos impulsos espirituais dos indivíduos. Além disso, a compreensão do desencadeamento de uma guerra não seria apenas visível no momento de uma batalha. “Não apenas na trincheira, mas no diálogo, em todas as formas de tratados sociais, bem como da produção intelectual e industrial”¹³ (ORTEGA Y GASSET, 1983, p. 205). Vejam que Ortega y Gasset apresentou uma explicação complexa do significado da guerra, onde múltiplos fatores desencadeariam esse movimento. Talvez, a relevância sociológica presente nesta interpretação do autor espanhol estaria em sua relevância dada aos aspectos concretos do fenômeno guerreiro, no qual tanto as ações individuais como os aspectos sociais estariam presentes.

No que diz respeito à obra *Meditaciones del Quixote*, podemos dizer que neste trabalho de Ortega y Gasset, os elementos sociológicos já começaram a se de-

12 Tradução nossa. Segue o original. [...] su definición de la guerra me parece em lo decisivo equivocada. En ella funda Scheler la valorización ética y metafísica de este terrible factor histórico”. (ORTEGA Y GASSET, 1983, p. 200).

13 Tradução nossa. Segue o original. “No sólo em la trinchera, sino em la conversación, en todas las formas del trato social y de da producción intelectual e industrial” (ORTEGA Y GASSET, 1983, p. 205).

envolver com maior êxito. Isso pode ser explicado não apenas por se tratar de um livro, mas por já indicar algumas discussões referentes à cultura, bem como a relação entre o indivíduo e o meio social.

Em relação à discussão de Ortega y Gasset sobre o termo cultura, é preciso levar em consideração justamente a sólida influência do pensamento alemão em sua juventude. “A Europa começa quando os germânicos entram plenamente no organismo unitário do mundo” (ORTEGA Y GASSET, 1967, p. 87). Para o autor espanhol, a cultura germânica estava interessada na busca pelas realidades profundas e nas essências das coisas, ao contrário da chamada cultura mediterrânea (composta na visão do autor pelos franceses, espanhóis e italianos), que se preocupava com a aparência das coisas. Além disso, (seguindo os argumentos do autor), ao falarmos de uma cultura específica, não poderíamos deixar de pensar que essa especificidade estaria relacionada ao papel de criação dos sujeitos, bem como de uma determinada raça (ORTEGA Y GASSET, 1967). Para fazer sentido a esse diagnóstico do autor hispânico, basta relacionar sua discussão em torno da cultura com a interessante abordagem de Norbert Elias na obra *O Processo Civilizador*, a respeito do significado alemão de *kultur*. Para o sociólogo germânico, o conceito alemão de *kultur* dizia respeito a fatos intelectuais, artísticos e religiosos.

Esses fatos estariam em uma direção contrária, por exemplo, ao significado da palavra civilização dada pelos franceses e ingleses, cujo sentido se referia a aspectos políticos, econômicos e sociais. Ademais, a noção de *kultur* expressaria a individualidade de um povo, isto é, a identidade particular dos grupos (ELIAS, 1994). É bem verdade que essa relação é passível de contestação, uma vez que o próprio Ortega destacou, por exemplo, a mistura entre a cultura germânica e a mediterrânea, dando a entender justamente a presença de uma mistura entre os diferentes povos.

Enquanto a atenção de Ortega sobre o indivíduo e o meio social, podemos dizer que em *Meditaciones del Quixote*, esse tema assumiu um papel notável nas possíveis considerações sociológicas do autor. Isso se deve principalmente ao fato de que nesta obra, o conceito de circunstância começou a se desenvolver. “Este setor da realidade circunstante forma a outra metade da minha pessoa: só através dela posso integrar-se e ser plenamente eu mesmo” (ORTEGA Y GASSET, 1967, p. 51). Através das circunstâncias, o autor espanhol nos indicava justamen-

te o outro elemento componente da nossa vida, isto é, o nosso entorno. Nesse sentido, haveria uma espécie de relação estabelecida entre o sujeito e aquilo que o rodeia. “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela não me salvo a mim” (ORTEGA Y GASSET, 1967, p. 52). Não haveria no pensamento do escritor hispânico uma atenção dada somente ao indivíduo. Estas circunstâncias seriam justamente o ponto de apoio das nossas vidas. A realidade não seria simplesmente o mundo, muito menos o eu, mas uma contínua relação entre ambos (JAGUARIBE, 1982).

Apesar de indicar essa relação entre o indivíduo e as circunstâncias, Ortega y Gasset temia justamente o predomínio desta realidade circunstante sobre nossas vidas, ou seja, das nossas sensibilidades. Na visão do autor espanhol, esse fato seria consequência de alguns acontecimentos desenvolvimentos ao longo do século XIX, tais como o advento do positivismo e do darwinismo. “E o século XIX, não satisfeito com levar á forma heroica a negação de todo o heroísmo, não contente com proclamar a ideia do positivo, entrega esse mesmo afã aos suplícios da aspérrima realidade” (ORTEGA Y GASSET, 1967, p. 171). Nesta passagem, o autor fazia uma severa crítica aos rumos tomados pela literatura, onde o realismo dos fatos (presente amplamente nos escritos de autores como Flaubert) impedia o chamado dinamismo poético.

Enquanto ao darwinismo, o escritor espanhol alertava para o fato de que essa corrente contribuiria em reduzir a vida em matéria. Nesse sentido, as nossas ações seriam apenas reações ao meio, não existiria espaço para a liberdade e a originalidade. Todas essas preocupações de Ortega y Gasset, podem se relacionar ao diagnóstico exposto por Georg Simmel diante da relação entre o humano e o social. De acordo com o autor alemão, haveria ocasiões em que a imposição da sociedade sobre os seus membros, proporcionava uma dificuldade do desenvolvimento das particularidades dos indivíduos (SIMMEL, 2006). Em Ortega y Gasset, essa imposição poderia ser pensada na preponderância das circunstâncias diante dos sujeitos.

Como vimos anteriormente, seria possível a partir do pensamento da juventude de Ortega y Gasset encontrar alguns elementos sociológicos interessantes, sobretudo, pelo diálogo do autor com a intelectualidade alemã da época (Simmel, o neokantismo e a fenomenologia). Muitas dessas questões levantadas por Ortega y Gasset (principalmente sua discussão entre o sujeito e as circunstân-

cias), estiveram presente na sua marcante obra sociológica chamada *El hombre e la gente*.

Considerações Finais

Esse breve trabalho procurou apresentar algumas questões envolvendo o pensamento sociológico espanhol. Imaginamos que seja necessário estabelecer um debate mais conciso em torno da formação da Sociologia no país hispânico. Não é muito comum presenciarmos estudos interessados em resgatar o processo de formação das ideias sociológicas neste país. Muitas vezes, temos a impressão de que só após o término do regime de Francisco Franco a Sociologia conseguiu florescer na Espanha. De fato, talvez um dos nomes marcantes do pensamento social espanhol até o momento é Manuel Castells, entretanto é preciso voltar ao passado, a fim de perceber o curioso movimento histórico da formação desta disciplina na nação hispânica. Quando é realizado esse processo de retorno, conseguimos perceber as raízes de um determinado acontecimento. Basicamente neste trabalho, houve uma possível tentativa deste resgate, sobretudo, entre a segunda metade do século XIX e o início do XX, a fim de destacar nomes importantes do pensamento social espanhol, como foi o caso de Ortega y Gasset.

Através deste resgate, conseguimos perceber a influência do pensamento alemão na intelectualidade espanhola, em torno da segunda metade do século XIX. Procuramos demonstrar que neste contexto marcado por instabilidades no país espanhol, a procura por uma inspiração intelectual se tornou a chave para a solução dos problemas nacionais. Nesse sentido, o contanto com o pensamento germânico possibilitou o encontro com as ideias de Krause, e conseqüentemente a incorporação do krausismo na Espanha. Através disso, o pensamento sociológico espanhol começou a ganhar forma, sobretudo, através dos trabalhos de Sanz del Río e seus discípulos. É bem verdade que a Sociologia construída por estes autores não ganharam uma projeção destacável, justamente por não desenvolver muito a fundo um debate conciso com os grandes nomes da Sociologia. Além disso, não é um consenso afirmar a preponderância da filosofia alemã como influência na formação do pensamento sociológico espanhol, uma vez que Ramón de la Sagra (autor fortemente influenciado pela intelectualidade francesa), por exemplo, é em alguns momentos apresentando como o pioneiro da Sociologia no país hispânico.

No entanto, não se pode ignorar a relevância exercida pelos krausistas na sociedade espanhola. Esse grupo de intelectuais estava realmente interessado em mudanças, sobretudo, no que dizia respeito à liberdade. É inclusive interessante destacar que alguns desses autores foram afastados das universidades, justamente por si negarem a ajustar os seus projetos inovadores de ensino aos dogmas do Estado.

Após esse percurso, enfatizamos o pensamento intelectual de Ortega y Gasset em sua juventude, bem como os seus primeiros estudos sociológicos. Conseguimos perceber que a mesma necessidade de modernizar a Espanha, estava presente em sua mocidade. Nesse sentido, a Alemanha também apareceu como uma resposta para os problemas intelectuais do seu país. Observamos que o contato do autor com algumas das principais correntes intelectuais da época (como o neokantismo e a fenomenologia) serviram de base para os primeiros trabalhos sociológicos do escritor. Após esta análise, procuramos demonstrar alguns possíveis estudos de Ortega y Gasset referentes à Sociologia, através do seu diálogo crítico com Scheler, sua interpretação sobre o significado do termo cultura e sua interpretação entre a relação do indivíduo e o meio. Por não encontrarmos nos primeiros trabalhos do escritor hispânico uma referência aos grandes nomes do pensamento sociológico, tentamos estabelecer um discreto diálogo entre Ortega y Gasset e Simmel, bem como entre algumas questões resgatadas por Norbert Elias acerca do significado germânico de *kultur*, na esperança de encontrar um sentido consistente da Sociologia presente na juventude do autor espanhol. Talvez, esse foi o grande desafio deste trabalho, isto é, encontrar em um filósofo uma fundamentação sociológica convincente (ainda mais nos seus primeiros escritos).

Apesar desta dúvida, ficamos com a impressão de que as abordagens sociológicas de Ortega y Gasset se enquadram exatamente naquilo que Gilberto Freyre (1967), designou como estudos mistos, ou seja, uma zona de confraternização da Sociologia com as demais Ciências Sociais. Através dessa zona de confraternização, poderíamos sugerir que o pensamento sociológico do autor espanhol seria caracterizado como interdisciplinar, evitando estabelecer barreiras entre as diferentes áreas.

Recebido em maio de 2014.
Aprovado em outubro de 2014

Referências

BALBÍN, Rafael Priesca. **La recepcion del marxismo em España, 1880-1894**. Oviedo: El Basilisco, n°12, out, 1981. Disponível em: <<http://www.fgbueno.es/bas/bas11206>> Acesso em: 13 fev. 2014.

BUEZAS, José Luiz Calvo. **Luces y Sombras del Krausismo Español**. Oviedo: El Basilisco, n°3, ago, 1978. Disponível em: <<http://fgbueno.es/bas/pdf/bas10308.pdf>> Acesso em: 13 mar. 2014.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica**. São Paulo: História UNESP, vol22, n°2, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742003000200003> Acesso em: 27 fev. 2014.

CARR, Raymond. (Org.). **História concisa de Espanha**. Portugal: Editora Europa-América, 2004.

CARVALHO, José Maurício de. **O conceito de circunstância em Ortega y Gasset**: Revista de Ciências Humanas (UFSC), v. 43, p, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/21784582.2009v43n2p331>> Acesso em: 17 abr. 2014.

DIAZ, Elias. **La filosofia social del krausismo español**. Madrid: Edicusa, 1973.

DOBSON, Andrew. **An introduction to the politics and philosophy of José Ortega y Gasset**. Nova York: Combridge University Press, 1989.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v.1, 1994.

FREYRE, Gilberto. **Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios**. Rio de Janeiro: José Olympio, 4.ed. Tomo 2, 1967.

FUENTE, María Yolanda Ruano de La. **La presencia de Max Weber en el pensamiento español. Historia de una doble recepción.** Madrid: Arbor, Ciencia. Pensamiento y Cultura, jul/ago, n°726,2007. Disponível em:<<http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/126>> Acesso em: 24 mar. 2014.

HERR, Richard. Flujo y reflujo, 1700-1833. In: CARR, Raymond. (Org.). **História concisa de Espanha.** Portugal: Editora Europa-América, 2004.

JAVIER, San Martín. **Ensayos Sobre Ortega.** Madrid: UNED, 1994.

JULIA, Santos. **Los socialistas en la política española, 1879-1982.** Madrid: Taurus, 1997.

KAMEN, Henry. Vicisitudes de uma potencia mundial, 1700-1833. In: CARR, Raymond. (Org.). **História concisa de Espanha.** Portugal: Editora Europa-América, 2004.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditações do Quixote.** São Paulo: Livro Ibero Americano LTDA, 1967.

_____. **História como sistema. Mirabeau ou o político.** Prólogo: Helio Jaguaribe. Brasília: Editora UNB, 1982.

_____. **Obras Completas.** Madrid: Revista de Occidente. , 1983.

PAIM, Antônio. **O krausismo brasileiro. Londrina.** Editora UEL. 2 ed, 1999.

POSADA, Adolfo. **La Sociologia em España.** Madrid: REIS, 1989. Disponível em: <<http://www.reis.cis.es/REIS/html/index.html>> Acesso em: 25 fev: 2014.

REALE, Miguel. Raízes filosófico-jurídicas da sociedade brasileira. In: MASCARENHAS, Sergio. (Org.). **Raízes e perspectivas do Brasil.** Campinas: Papyrus Editora, 1985.

SAAVEDRA, Luis. **El pensamiento sociológico español**. Madrid: Taurus Humanidades, 1991.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.